

in memoriam

adrianna eu
alexandre brandão
ana luiza dias batista
andré terayama
cadu
carlos fajardo
cinthia marcelle & marília rubio
daniel de paula
daniela seixas
frederico filippi
ivens machado
jorge soledar
marcio diegues
marcius galan
marina weffort
mayana redin
milton machado
paulo bruscky
ricardo basbaum
wmt

fernanda lopes
curadoria

in memoriam

adrianna eu
alexandre brandão
ana luiza dias batista
andré terayama
cadu
carlos fajardo
cinthia marcelle & marília rubio
daniel de paula
daniela seixas
frederico filippi
ivens machado
jorge soledar
marcio diegues
marcius galan
marina weffort
mayana redin
milton machado
paulo bruscky
ricardo basbaum
wmt

fernanda lopes
curadoria

06 agosto a
01 outubro 2017

FICHA CATALOGRÁFICA
CATALOGAÇÃO NA FONTE

L864

In Memoriam / curadoria Fernanda Lopes ;
autor Fernanda Lopes – Rio de Janeiro:
Editora Tamanduá ; RL Produtores, 2017.

64 p.: il.

Tradutor: Márcio Pinheiro;
Projeto gráfico: Alessandro Souza.

ISBN 978-85-67067-18-6 versão impressa
ISBN 978-85-67067-20-9 versão web

1. Artes. I. Lopes, Fernanda. II. Desenho.
III. Exposição de arte. IV. Título.

CDU - 7
CDD - 700

É com grande satisfação que a CAIXA Cultural Rio de Janeiro apresenta, entre 5 de agosto e 1 de outubro de 2017, a exposição **in memoriam**, um panorama da arte brasileira contemporânea que reúne alguns de seus expoentes desde os anos 1960 até os dias de hoje, com o fito de retratar as possibilidades de se pensar a prática do desenho em diversos suportes.

Organizada pela curadora Fernanda Lopes, a mostra conta com desenhos, objetos, vídeos, instalações, performances, fotografias e intervenções, totalizando 37 obras, de 21 artistas de diferentes gerações.

No transcurso de sua existência, a CAIXA aproximou-se do artista e da arte nacionais. E vem, ao longo das últimas décadas, firmando sua imagem de grande apoiadora da nossa cultura, e detentora de uma importante rede de espaços culturais, que hoje impulsiona a vida cultural de sete capitais brasileiras, onde promove e fomenta a produção artística do país, e contribui de maneira decisiva para a difusão e a valorização da cultura brasileira.

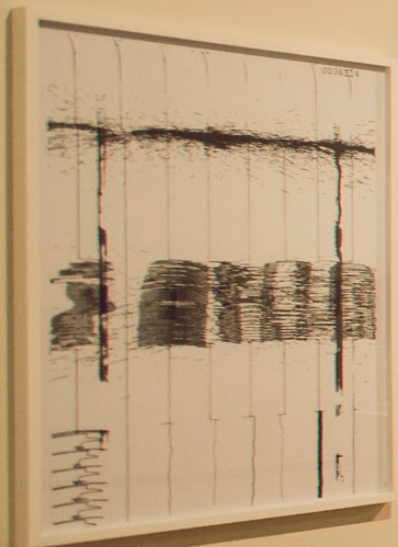
Os projetos que ocupam os espaços da CAIXA Cultural são escolhidos através de seleção pública, uma opção da CAIXA para tornar mais democrática e acessível a participação de produtores e artistas de todo o país. Sempre com o intuito de promover a pluralidade de ideias e democratizar o acesso à fruição do bem cultural e a valorização da diversidade cultural, a CAIXA reafirma seu compromisso com a cidadania, a cultura e o desenvolvimento do país, sendo reconhecida como uma das principais patrocinadoras de projetos culturais em todo o território nacional.

CAIXA Cultural Rio de Janeiro takes pride of staging, from August 5 to October 1, 2017, the exhibit **in memoriam**, which depicts the current Brazilian contemporary art produce, and gathers its main players, from the 1960s until present time. Our purpose is to help conceive of the practice of drawing on diverse types of supports.

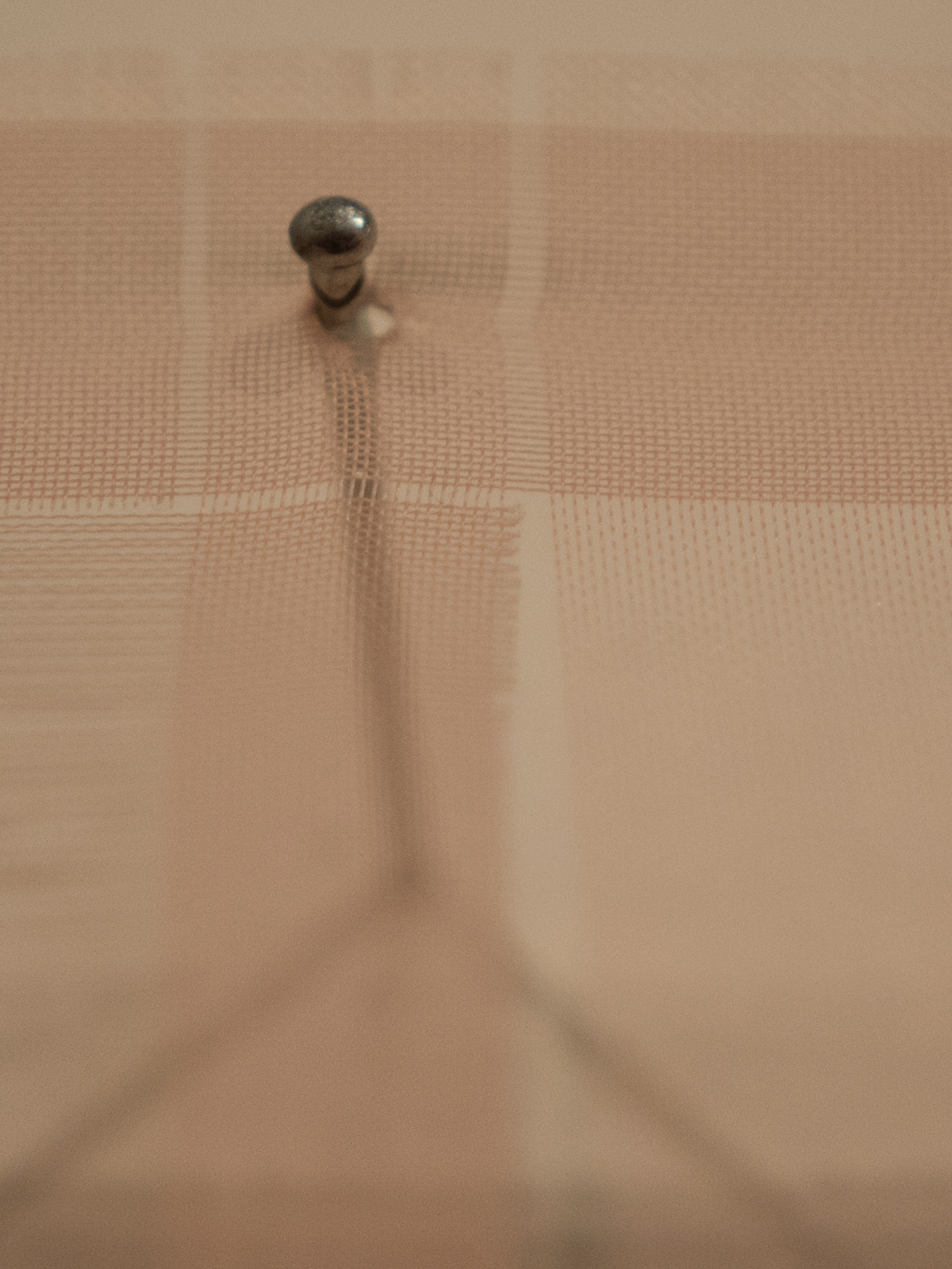
Assembled by Fernanda Lopes, its curator, the show includes drawings, objects, videos, installations, performances, photos, and interventions, covering 37 artworks by 21 artists of different generations.

Since its inception, CAIXA has been developing ever closer relations with Brazilian artists, and the field of arts at large. Furthermore, along the past few decades, its efforts have been securing the reputation of leading supporter of our culture. Running a network of cultural centers of capital importance in Brazil, it manages to further the art scene of seven capitals, whose artistic output is thus promoted, decisively contributing to the Brazilian culture's dissemination and enhancement.

The projects displayed at CAIXA Cultural centers are screened by public call for tenders, which is how the institution allows the democratic access of nationwide producers and artists to the production of cultural events in its centers. Always driven by the goal to cultivate the diversity of ideas and democratize the enjoyment of cultural heritage, CAIXA underlines its commitment to the domestic citizenship, culture, and development, reaching a recognized status as one of the main sponsors of cultural projects throughout the national territory.







in memoriam: possibilidades do desenho na arte contemporânea

“O desenho rompe com todas as hierarquias, situa-se além de qualquer cronologia, revela seu próprio tempo e o tempo do artista. (...) E permite todas as virtualidades e virtuosidades, porque um desenho você larga aqui e recomeça ali, hoje, amanhã, ontem. O desenho é para ser lido, como um poema.”

frederico morais¹

in memoriam: possibilities of drawing in contemporary art

“Drawing breaks with all sorts of hierarchy, stands far beyond any chronology, reveals its own time, as well as that of the artist. (...) It also admits all virtualities and virtuosities, because you can take a break from a drawing, and resume it at another time, today, tomorrow, yesterday. Drawings are to be read, as poems.”

frederico morais¹

Levou mais de um mês para que ele conseguisse apagar da folha de papel de cerca de 65 x 55 cm a grande massa de desenho feita com carvão, tinta a óleo, giz de cera e lápis. Em 1953, Robert Rauschenberg era um jovem artista, a cena artística dos Estados Unidos estava dominada pelo Expressionismo Abstrato e Willem De Kooning era um dos seus nomes mais importantes. Naquele momento, Rauschenberg testava os limites da pintura produzindo superfícies brancas. Interessado em desenho, tentou levar sua pesquisa para esse outro suporte, apagando seus próprios desenhos. Mas aqueles eram apenas desenhos apagados de um jovem artista. Foi quando se deu conta de que o ponto de partida precisava ser uma obra de arte reconhecida como importante por todos.

Munido de coragem e uma garrafa de Jack Daniel's, bateu à porta de De Kooning, torcendo para que não estivesse em casa. Ele não atenderia à porta e esse seria o trabalho. Mas De Kooning estava, abriu a porta e, depois de ouvir a proposta do jovem artista (que, naquele momento, tinha certeza que seu pedido seria negado e esse, agora sim, seria

It took him more than one month to erase that drawing mass from the 65x55 centimeter-sheet of paper, including charcoal, oil paint, crayon, and pencil. Back in 1953, Robert Rauschenberg was a young artist, the art scene in the United States was held under the sway of Abstract Expressionism, with Willem De Kooning standing out as one of its major representatives. At the time, Rauschenberg was engaged in challenging painting by producing white surfaces. Interested in drawing, he decided to bring this support into his etudes by erasing his own drawings. But those were the erased drawings of a young artist. That was when he realized his starting point should be an artwork deemed as relevant by the peers.

Then, he plucked up his courage, and, fuelled by a bottle of Jack Daniel's, knocked on De Kooning's door, secretly hoping he was not at home. In that case, he would not answer the door, and his work would be finished. However, De Kooning was there, opened the door, and, after listening to the proposition of the young artist (who, up to that point in time, still waited a denial, so that, finally, his work would be finished, replied: “All right, but

¹ “Autônomo, o desenho navega entre ismos e épocas. E ele é tudo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1985.

“Autônomo, o desenho navega entre ismos e épocas. E ele é tudo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, February 13, 1985.

o trabalho), respondeu: “Tudo bem, mas tem que ser algo de que eu vá sentir falta”. Rauschenberg saiu de lá com o desenho e, depois de muito trabalho, o *Desenho de De Kooning* apagado gerou polêmica dentro da própria classe artística — como alguém se atrevera a apagar uma obra de arte de outro artista? —, desafiou o Expressionismo Abstrato (ao recorrer a um grande volume de gestos e ações para apresentar uma folha em branco) e abriu caminho para a arte conceitual, bem como para a performance e estudos sobre o vazio e o silêncio.

Quase vinte anos mais tarde, em 1970, o artista português radicado no Rio de Janeiro Artur Barrio inscrevia como obra um manifesto no II Salão de Verão:

contra as categorias de arte
contra os salões
contra as premiações
contra os júris
contra a crítica de arte²

it should be something I will miss.” Rauschenberg walked out of the place with the drawing and, after hard work, the *Erased de Kooning Drawing* was released, and soon became an easy target for fierce criticism by the contemporary artists as a whole — “how dare someone erase an artwork made by another artist?” Besides this, he also managed to confront the Abstract Expressionism movement (by resorting to a handful of gestures and deeds to produce a blank sheet), and helped pave the way to concept art, as well as performance and research on the emptiness and silence.

About twenty years later, in 1970, Artur Barrio, a Portuguese artist settled in Rio de Janeiro, registered a manifesto as artwork with the II Summer Salon

against categories of art
against salons
against awards
against selection panels
against the art critic²

Escrito à mão em uma folha de papel, a peça foi inscrita na categoria “Desenho” e acabou sendo aceita pelo júri — o que irritou o artista. Barrio escreveu um segundo manifesto, acusando o júri de agir de maneira paternalista e falsa e tentar esvaziar todo o potencial crítico de seu protesto, ao aceitá-lo. A polêmica ganhou as páginas dos jornais, com críticos do júri justificando a aprovação do primeiro manifesto com elogios à boa qualidade do papel, à cor do lápis, à diagramação e à composição visual do espaço.

Passagens como essas na história da arte encontram ecos na exposição **in memoriam**. Mais do que uma exposição de desenho, esta é uma exposição sobre desenho e o ato de desenhar. Reunindo 21 artistas brasileiros de diferentes gerações e quase 40 obras produzidas nos últimos 50 anos — algumas delas inéditas —, a exposição revela possibilidades para se (re)pensar a definição e a

Hand-written on a sheet of paper, the piece was registered under the “Drawing” category, and eventually accepted by the panel, which has dreadfully upset the artist. Barrio then wrote a second manifesto, accusing the panel of a patronizing and misguided attitude targeted at belittling the critical prowess of his protest, by accepting it. The controversy filled the newspapers with stories, featuring panel critics who affirmed their approval of the first manifesto was due to the high quality of the sheet of paper, the pencil color, the layout or the visual/spatial composition.

Events like this in art history are reflected in the exhibit **in memoriam**. More than merely displaying drawings, this show is also concerned with the very act of drawing. Assembling 21 Brazilian artists of several generations and circa 40 works produced over the past 50 years — some of them still unknown —, the show unfolds possibilities to (re)think the

² 2 Fevereiro, 1970.
February 1970.

prática dessa categoria artística, que é uma das mais antigas e também uma das menos valorizadas na história da arte.

Em seus trabalhos aqui apresentados, Adrianna eu, Alexandre Brandão, Ana Luiza Dias Batista, Andre Terayama, Cadu, Carlos Fajardo, Cinthia Marcelle e Marília Rúbio, Daniel de Paula, Daniela Seixas, Frederico Filippi, Ivens Machado, Jorge Soledar, Marcio Diegues, Marcius Galan, Marina Weffort, Mayana Redin, Milton Machado, Paulo Bruscky, Ricardo Basbaum e WMT — Wagner Malta Tavares apontam para algumas reflexões sobre o processo de desenhar e os elementos que compõem um desenho. Considerando o desenho não só como suporte, mas também como procedimento ou maneira de pensar, esses trabalhos consideram o desenho não como a forma final, ao contrário, o tratam como uma maneira de lidar com a forma, expandindo sua prática para além da folha de papel, incorporando performance, instalação, fotografia, intervenção, objeto, escultura e vídeo.

Em alguns momentos, é possível ver a linha (ou o traço) como elemento central, em sua forma mais simples ou apresentada a partir de um processo de acúmulo. É o caso do espaço construído por Adrianna eu a partir do acúmulo desordenado de linhas vermelhas, além da obra de Daniela Seixas, resultado das linhas traçadas em azul sobre o papel e daquelas imaginadas a partir do áudio que faz parte do trabalho. Nas obras da Marina Weffort, o plano do tecido é desconstruído, revelando sua estrutura de linhas entrelaçadas, enquanto a proposta de Mayana Redin acaba construindo o plano a partir da linha traçada contínua e infinitamente pelo computador.

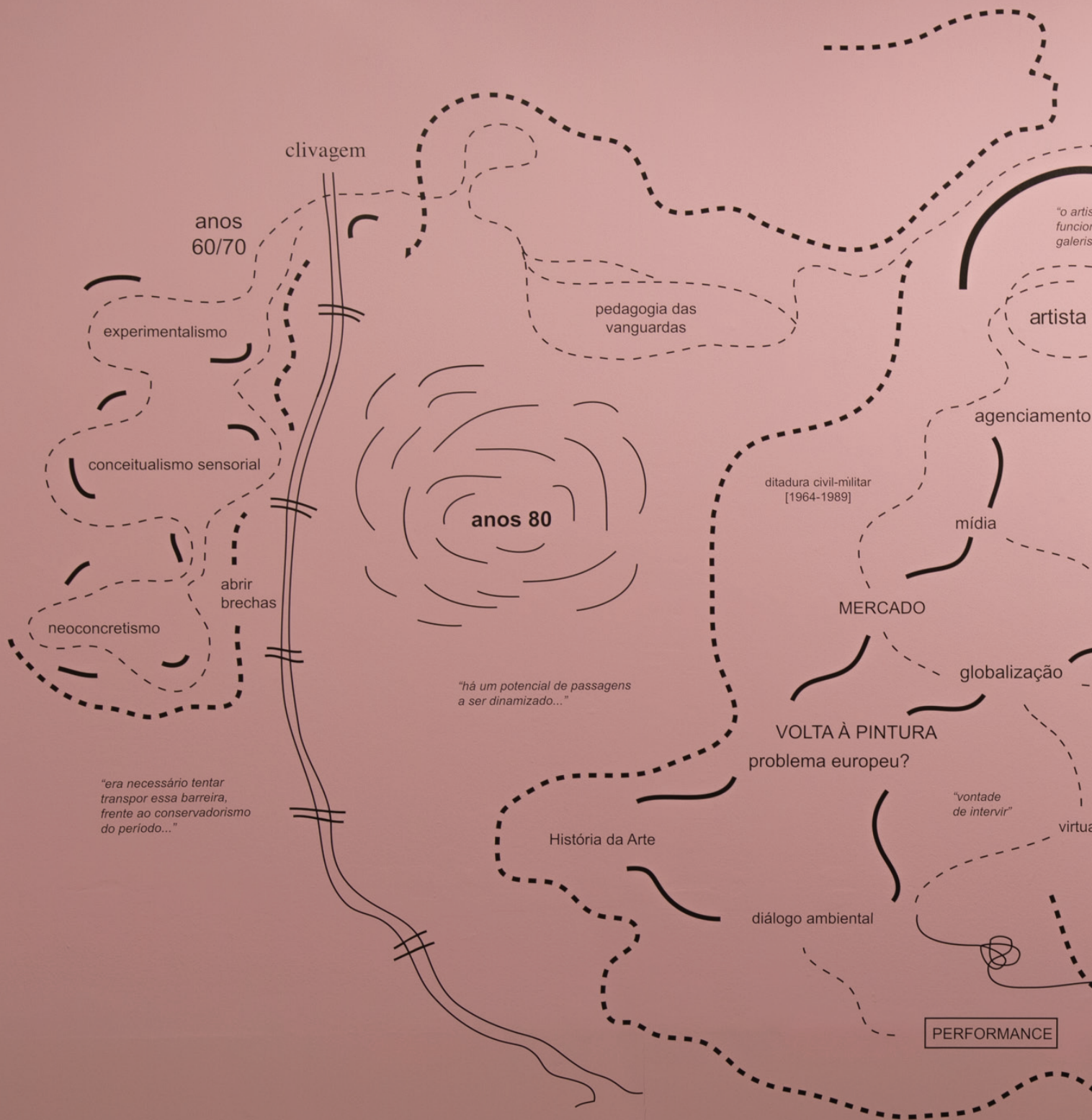
Outras obras lidam diretamente com a prática do desenho de observação, realizadas no encontro com a realidade, colocando em xeque a ideia de objetividade que essa prática historicamente carrega. A série de desenhos de Cinthia Marcelle e Marília Rúbio são como desenhos de observação, com a mesma cena sendo registrada por dois pontos

definition and practice of this artistic category, which is one of the oldest, but also one of the most underappreciated in art history.

Through their works displayed in this show, Adrianna eu, Alexandre Brandão, Ana Luisa Dias Batista, Andre Terayama, Cadu, Carlos Fajardo, Cinthia Marcelle and Marília Rúbio, Daniel de Paula, Daniela Seixas, Frederico Filippi, Ivens Machado, Jorge Soledar, Marcio Diegues, Marcius Galan, Marina Weffort, Mayana Redin, Milton Machado, Paulo Bruscky, Ricardo Basbaum and WMT – Wagner Malta Tavares provide some insights on the process of drawing and the elements behind it. Regarding the drawing not only as a support, but also as a procedure or way of thinking, these pieces do not deem the drawing itself as the final form. On the contrary, they are concerned with the possibility to address the form as an entity, to such extent, widening up its practice beyond the sheet of paper by incorporating performances, installations, photos, interventions, objects, sculptures, and videos.

There are moments when one can see the line (stroke) as the core element, in its most basic form or after a cumulative process. This is the case of the room conceived by Adrianna eu through the disorderly accrual of red lines, in addition to Daniela Seixas' work, which is the outcome of the lines drawn in blue on a sheet of paper, in concert with the lines imagined when hearing the audio recording comprised in the artwork. In turn, in Marina Weffort works, the fabric plane is deconstructed, bringing its structure of intertwined threads into view, whereas Mayana Redin dedicates to devise a plane based on the line continuously and endlessly drawn by the computer.

Some other pieces specifically address the practice of observational drawing, performing a sort of reality check, or putting to stake the assumption of objectivity implied by the very history of drawing. The series of drawings by Cinthia Marcelle and Marília Rúbio are sorts of observational drawings, casting light on the same scene seen from two dissimilar points of





ricardo basbaum

Diagrama (anos 80) / Diagram (1980s)

2014

Vinil adesivo / Adhesive vinyl

3,20 x 7,45 cm

de vista, evidenciando diferenças de perspectivas e subjetividades. As obras da série *Meu cérebro desenha* assim, realizadas por Paulo Bruscky desde os anos 1970, a partir do uso de um aparelho de eletroencefalograma, carregam comentários sobre a dimensão objetiva e racional da prática do desenho. Já a sequência de fotografias *Trópico de Capricórnio*, de Cadu, nos mostra a mudança da posição do sol, tanto em seu percurso diário, quanto na passagem de uma estação à outra, gravando seus rastros sobre uma caixa de areia pigmentada durante os trinta dias anteriores ao início da primavera. As 18 imagens registram os dias ensolarados do período.

Há ainda trabalhos que se interessam pelo desenho como projeto, como suporte no qual qualquer teoria é possível, bem como os que apresentam o desenho como um embate com o mundo real, deixando visíveis processos, memórias, rastros ou sobras. Os diagramas de Ricardo Basbaum são como organizações ou esquematizações de seus pensamentos sobre questões e períodos da história da arte. A ideia de projeto também perpassa o trabalho de Jorge Soledar, no qual um autorretrato se apresenta ao lado de sua inscrição vetorial, ao passo que a fotografia e as esculturas *Sambaqui* de Cadu revelam gestos humanos impressos sobre a natureza, a partir de um procedimento que utiliza o ácido e assemelha-se ao da gravura, que funde natural e artificial em um mesmo objeto. Processo, rastro e memória são palavras-chave para Daniel de Paulo (em suas propostas de deslocamentos), Frederico Filippi (e a movimentação desordenada da esmerilhadeira registrada nas marcas do chão) e André Terayama (e sua proposição de desenhos no espaço fixados pela fotografia). Completa esse conjunto a fotografia de Milton Machado, que “revela” uma aula de desenho de observação.

Completam a exposição obras que se interessam pelos materiais clássicos do desenho: o lápis, a borracha e a folha de papel (ou seu equivalente ampliado — a parede branca). O desenho de Carlos Fajardo, o trabalho mais

view, pointing out different perspectives and their underlying subjectivities. The works of the series *My Brain Draws This Way*, concocted by Paulo Bruscky since the 1970s, using an electroencephalogram, are bountiful in remarks about the objective and rational dimension of the practice of drawing. The sequence of photos *Tropic of Capricorn*, by Cadu, shows the changes of the position of the sun, both in its daily path and from one season to another, recording its traces on a sand box pigmented over the thirty days prior to springtime. The 18 images record the period's sunny days.

In turn, other works propose drawings as designs, as the supports whereon theory can be applied, meanwhile shed light on their will to challenge the real world. And then, processes, memories, vestiges, or shadows, are left just bare-naked. Ricardo Basbaum's diagrams stand as organizations or schematics of his own thoughts about questions and periods of art history. The concept of design also permeates Jorge Soledar's work, where a self-portrait is displayed next to its vector notation, meanwhile the photographs and sculptures of *Sambaqui*, by Cadu, depict human gestures imprinted on the nature, based on a procedure that uses acid and is similar to engraving, merging natural and artificial inputs in a single object. Process, vestige, and memory are keywords to Daniel de Paulo (in his propositions of displacements), Frederico Filippi (and the disorderly motion of a grinder recorded on floor marks), and André Terayama (and his proposition of drawings in space framed by photography). To top it off, Milton Machado's photos “expose” a class of observational drawing.

In addition, the exhibit includes works based on traditional drawing utensils: the pencil, the rubber and the sheet of paper (or its augmented sibling — the white wall). Carlos Fajardo's drawing, the oldest work included in the show, is made of lines drawn on paper and photograms. Also, Márcio Diegues inscribes his mountains directly on the wall, approaching

antigo da exposição, é feito com linhas traçadas sobre papel e fotografias. Já Márcio Diegues, leva suas montanhas diretamente para a parede, incorporando a arquitetura como espaço do desenho. Alexandre Brandão também recorre à parede como suporte, fazendo com que o desenho que encobre a luz projetada pela luminária revele uma outra imagem. Já em *Mortuário*, do mesmo artista, o lápis — material básico do desenho — é desmembrado em bastão de grafite e lascas de madeira, assumindo o lugar de obra.

Uma inversão também acontece na proposta de Marcius Galan. Se a expectativa habitual é que um desenho seja resultado do acúmulo de matéria (como o grafite) sobre uma superfície (como a folha de papel), em *Desenho (círculo)*, a obra compreende justamente o oposto, ou seja, a subtração da matéria do papel com o uso de uma borracha. Subtração também é o procedimento-chave do desenho de Ivens Machado, testando o limite do papel. Também se remetem ao papel os flipcharts de Ana Luiza Dias Batista — que, ao sobrepor folhas e colocá-las em sequência, confere movimento ao desenho —, e os desenhos de WMT — Wagner Malta Tavares, que utiliza canetas hidrográficas para marcar a superfície do papel, também o seu verso, conferindo certa tridimensionalidade ao desenho.

Fechando esse conjunto, a mostra apresenta *1984 (+) = (-)*, de Milton Machado. Trata-se de uma colagem com fragmentos, recortes e restos dos trabalhos que o artista fez em 1984, como memórias revisitadas. Memória e lembrança são suscitadas em algumas das definições de desenho que podemos encontrar nas palavras de críticos e artistas, além dos dicionários. **in memoriam**, expressão em latim que significa “em memória” e dá título à exposição, faz referência a essas definições, que incorporam tempo, espaço e sujeito — assim como os trabalhos aqui expostos.

the facilities' architecture as support for drawing. Alexandre Brandão also resorts to the wall as a support, making that his drawing cover up the light coming from a lamp, in order to reveal another image. Besides this, in *Mortuary*, created by the same artist, the pencil — basic drawing material — is broken down into pencil lead refills and matchwood, assuming the status of the artwork itself.

A reversal may also be spotted in Marcius Galan's artwork. Whereas we usually expect a drawing to be an accumulation of matter (such as lead) on a surface (like a sheet of paper), in *Drawing (circle)*, the work confounds such basic expectation, to wit, the paper is deprived of the matter with a rubber. Such subtraction is also the key procedure of Ivens Machado's drawing, when putting the paper limits to the test. An allusion to papers may also be found in Ana Luiza Dias Batista's flipcharts — who, by overlapping sheets and placing them in sequence, bestows drawings with mobility —, while the drawings of WMT – Wagner Malta Tavares, who uses ballpoint pens to mark the paper cover, as well as its back, confers some 3D feeling to the drawing.

Last but not least, the show presents *1984 (+) = (-)*, by Milton Machado. His piece is a collage of fragments, cuttings and remainders of works created by the artist in 1984, such as revisited memoirs. Memories and recollections are in the core of some definitions of drawing, both by critics and artists, not to mention dictionaries. **in memoriam**, Latin phrase that means “in memory” and serves as title to the exhibit, hints at such definitions, which imply time, space and subject — in a similar fashion to the works here exhibited

fernanda lopes
curator

fernanda lopes
curadora





marina weffort

Sem título - Untitled

2016

Tecido e alfinetes *Fabric and pins*

56 x 66 x 3 cm

56 x 47 x 3 cm

56 x 51 x 3 cm

61 x 105 x 3 cm



milton machado

desenho da Judd *Judd's drawing lesson*

2016

Impressão inkjet sobre papel de algodão

Inkjet printing on cotton paper

26 x 110 cm



marcius galan

Desenho (Circulo) *Drawing (Circle)*

2000

Grafite, borracha e papel
Graphite, rubber and paper

51 x 42 cm





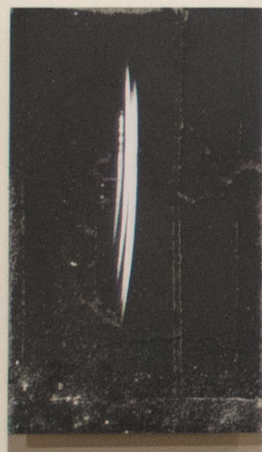
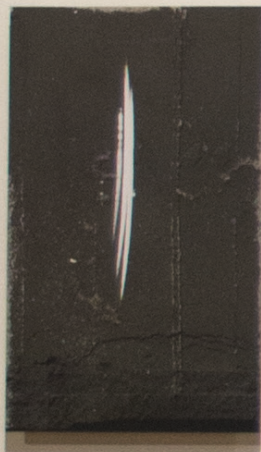
milton machado

1984 (+ = -)

1985

Técnica mista sobre papel
Mixed technique on paper

73 x 110 cm





cadu

Trópico de Capricórnio *Tropic of Capricorn*

2014

Impressão lightjet sobre papel Kodak Professional

Endura fosco, com laminação fosca

LightJet printing on Matte Kodak Professional

Endura Paper with matt hot stamping

19,3 x 32,4 cm cada *each*

mayana redin

Arquivo Escuro *Dark Archive*

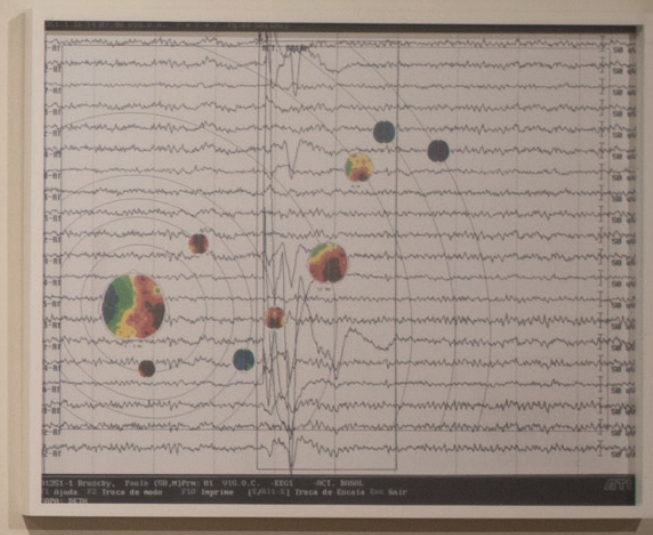
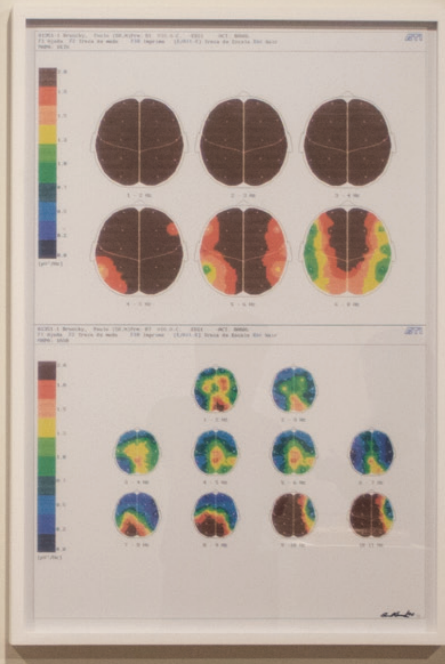
2016

Computador, esfera de metal,
programa de edição de texto
Computer, metal sphere, text editor

50 x 35 x 25 cm







paulo bruscky

Meu cérebro desenha assim *My brain draws this way*

2016

Impressão digital *Digital printing*

70 x 50 cm

70 x 50 cm

80 x 100 cm

100 x 70 cm





marcio diegues

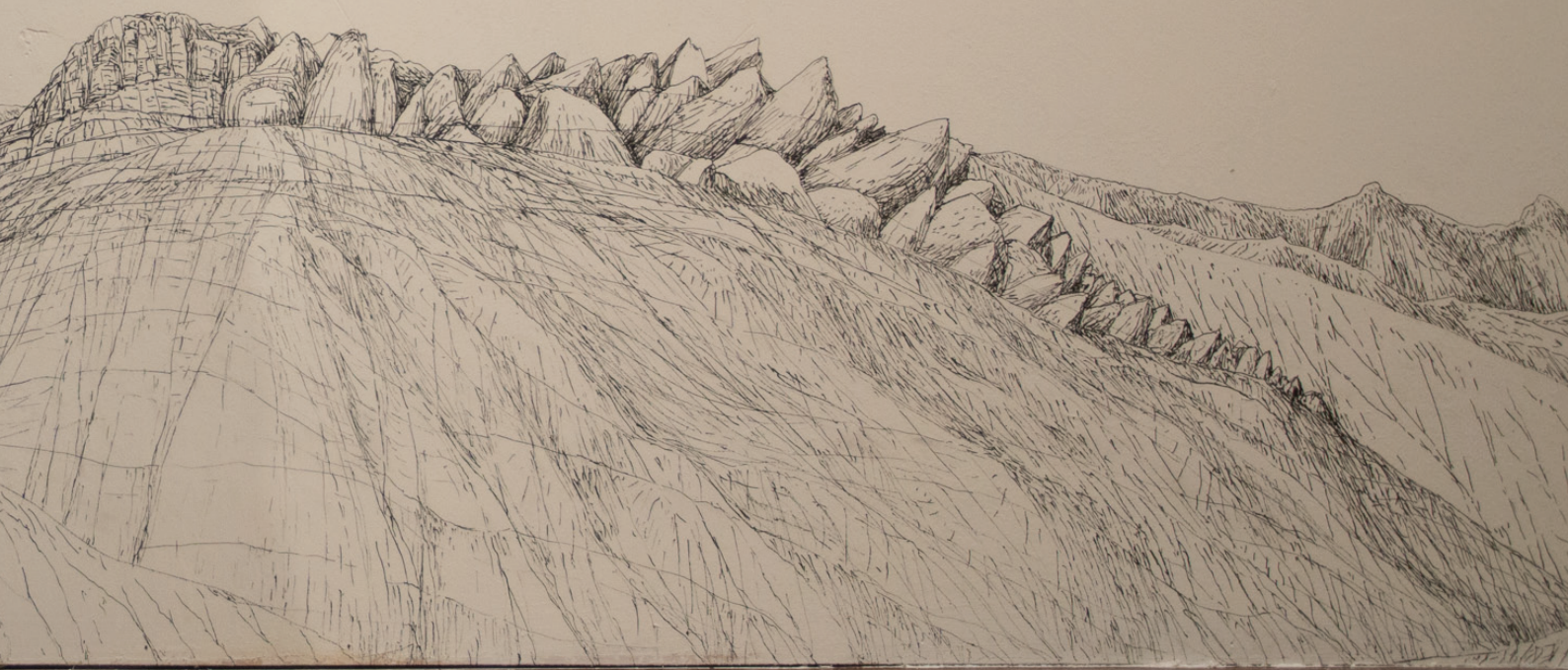
Observatório de montanhas *Mountain observatory*

2017

Desenho com caneta posca preta
Drawing with posca marker

3,20 x 7,45 cm







ivens machado

Machucado e Curado (Série Inscrito) *Bruised and Cured (Inscribed Series)*

1980

Papel com intervenção de borracha

Paper with rubber application

60 x 22 cm



carlos fajardo

Sem título *Untitled*

1967

Desenho sobre papel *Drawing on paper*

50 x 70 cm



cadu

Sambaqui 1

2016

Impressão com tinta pigmentada sobre

papel de algodão Hahnemühle

Pigmented ink printing on Hahnemühle cotton paper

84 x 59 cm

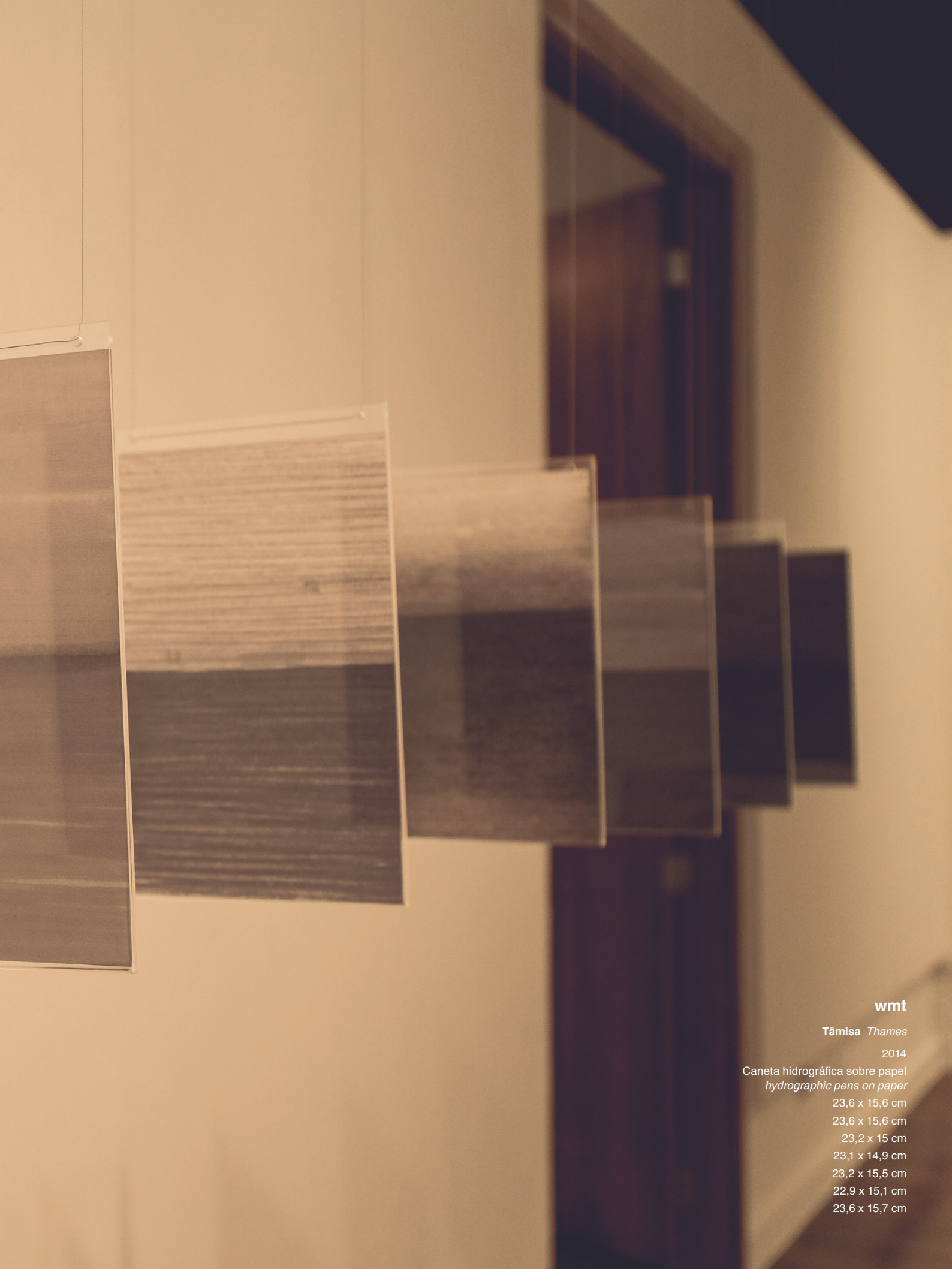
Pata de caranguejo em caixa de acrílico

Crab claw on acrylic case

17 x 33 x 24 cm







wmt

Tâmisa Thames

2014

Caneta hidrográfica sobre papel
hydrographic pens on paper

23,6 x 15,6 cm

23,6 x 15,6 cm

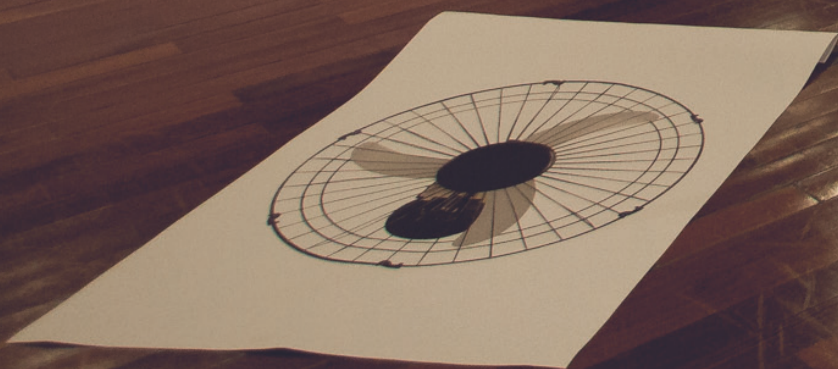
23,2 x 15 cm

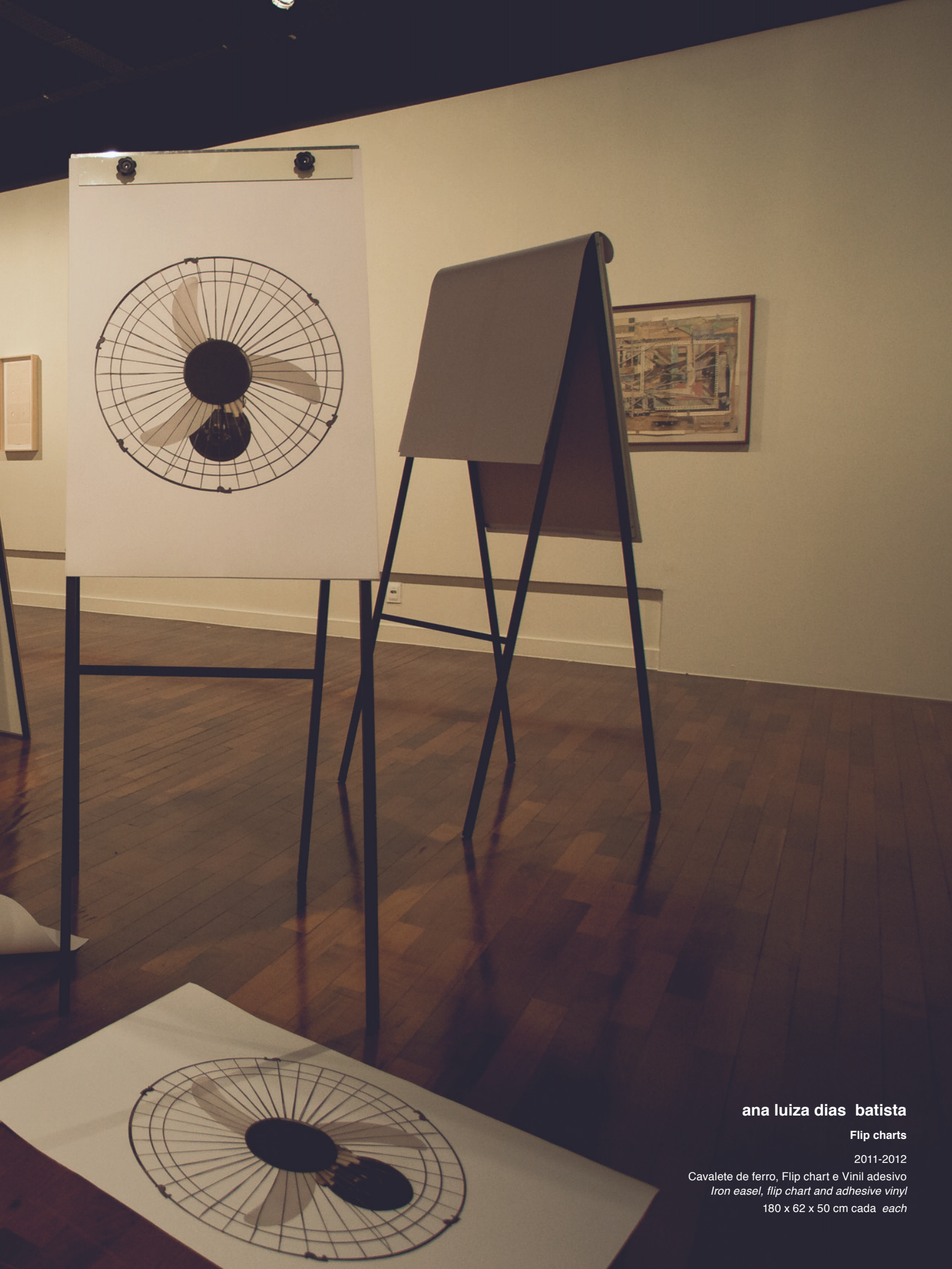
23,1 x 14,9 cm

23,2 x 15,5 cm

22,9 x 15,1 cm

23,6 x 15,7 cm



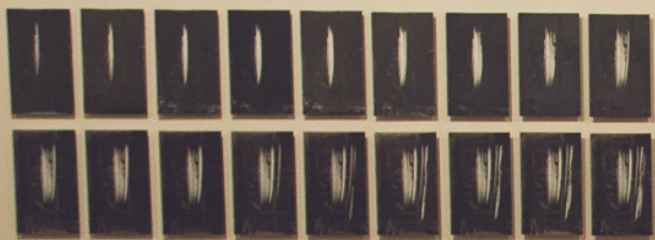


ana luiza dias batista

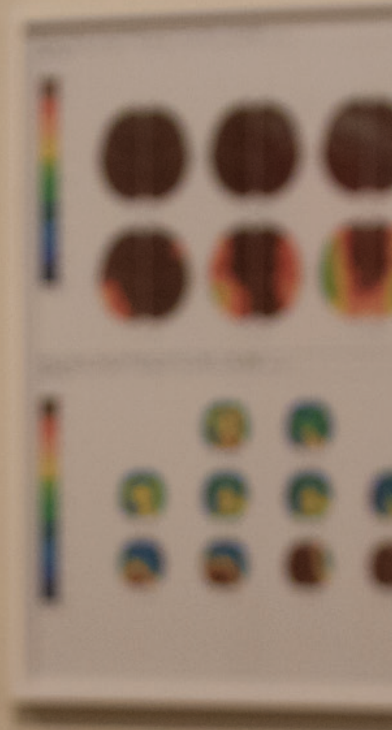
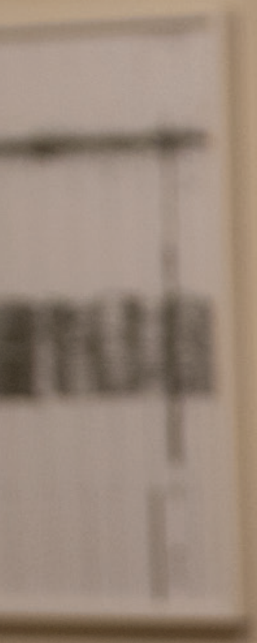
Flip charts

2011-2012

Cavelele de ferro, Flip chart e Vinil adesivo
Iron easel, flip chart and adhesive vinyl
180 x 62 x 50 cm cada *each*









alexandre brandão

Mortuário *Mortuary*

2013

Bastão de grafite, lascas de
madeira, madeira e acrílico
*Graphite rods, matchwood,
wood and acrylic*

22,5 x 22,5 x 8 cm





jorge soledar

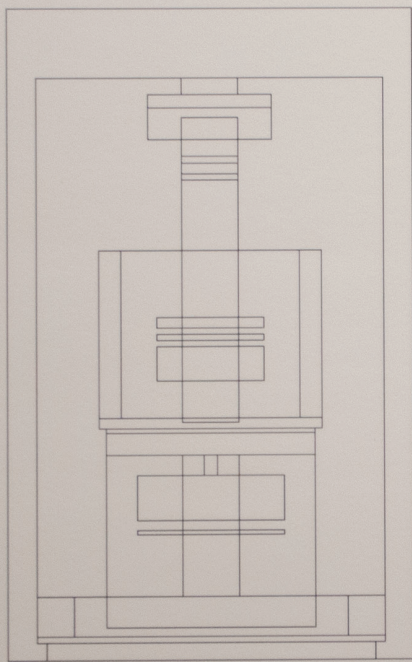
Cânones Bancos *Seat Canons*

2015

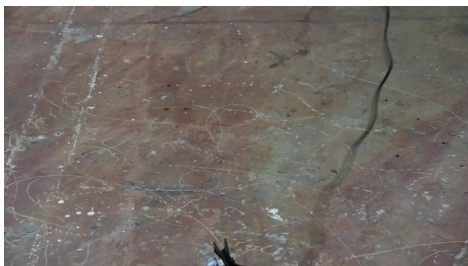
Fotografia digital *Digital photo*

Coleção *Collection OBS: Contemporânea*

54 x 43 cm







frederico filippi

Peixe Fish,

2017

Video Full HD

3'57"



andre terayama

Série Desenvolvimento de uma barra em colchete angular

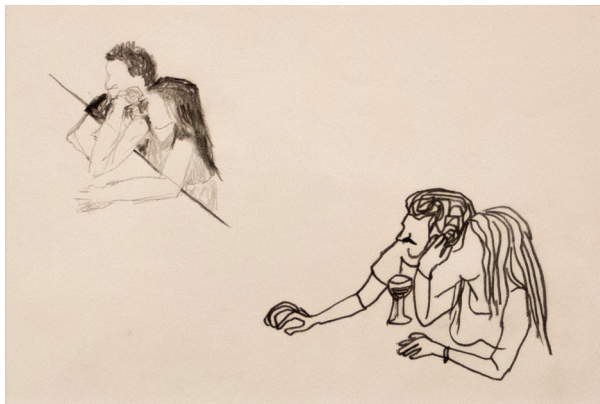
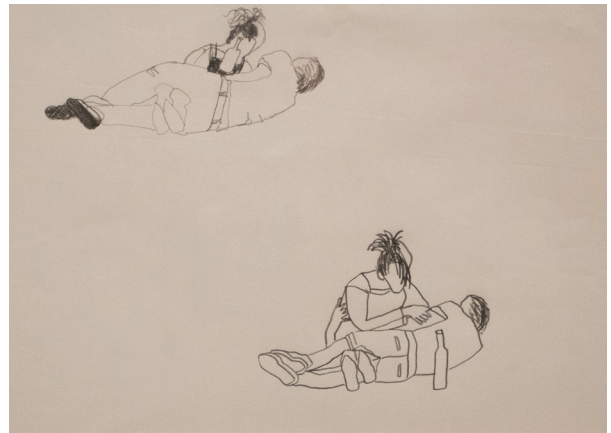
Development of a space bar into an angle bracket

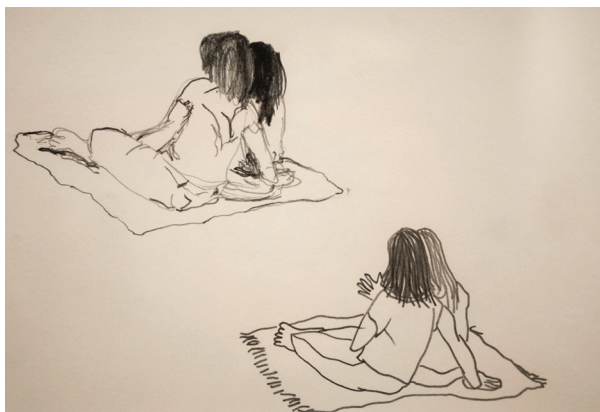
2014

Fotografia digital *Digital photo*

80 x 40 cm cada *each*







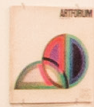
cinthia marcele & marilia rubio

Duas cenas ou Elogio ao amor *Two scenes or In praise of love*

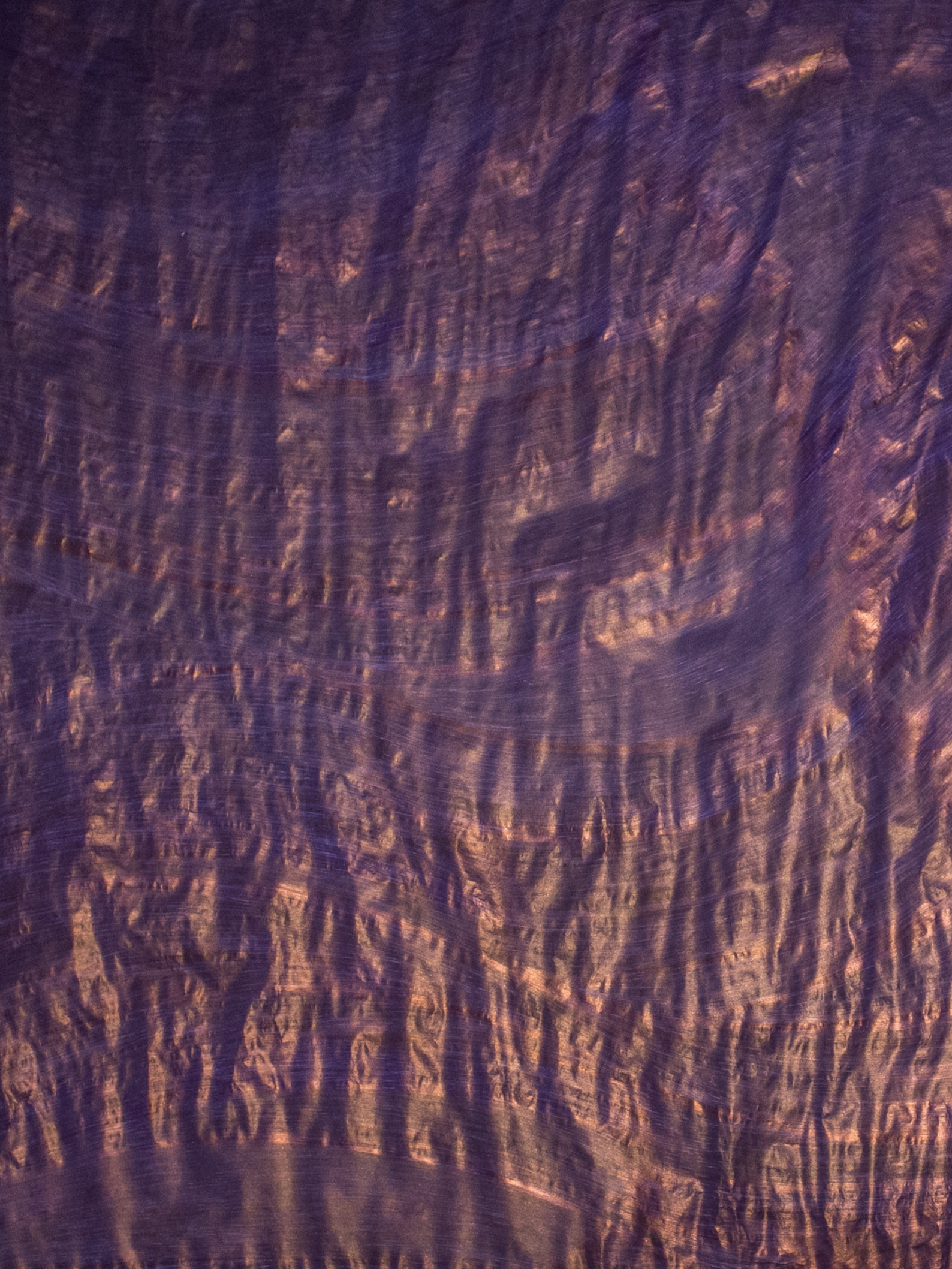
desde *since* 2014

Grafite sobre papel *Lead on paper*

Dimensões variadas *Variable dimensions*









daniela seixas

Da mesa de afiar facas no mar *From the table of sharpening knives at sea*

2010

Caneta esferográfica sobre papel e áudio
Ballpoint pen on paper and audio

90 x 121 x 71 cm | 180 min (loop-audio)



Saí do meu ateliê com a revista Artform de 1967 em mãos, caminhei até a estação de metrô mais próxima e embarquei em um trem rumo a periferia de São Paulo. Após algumas baldeações, estava em um trem sentido a cidade de Itapevi, localizada no extremo oeste da cidade de São Paulo. Desembarquei na estação final e comecei a andar pela cidade enquanto lia a revista Artform, especificamente o texto The Monuments of Passaic de Robert Smithson. Perambulei pela cidade e li o texto diversas vezes.

I left my studio with the magazine Artforum [1967] in hands and walked towards the nearest train station. I embarked in a train headed to the periphery of São Paulo. After a couple of hours I got off at the last stop, in the peripheral city of Itapevi. Once I got off the station I wondered around the city while reading Robert Smithson's essay The Monuments of Passaic. I walked around the city for a few hours and read the text several times.



Durante uma viagem ao interior do continente sul-americano, no contexto da floresta amazônica boliviana, desloquei-me até um pequeno banco de areia no meio do Rio Mamoré portando uma revista Artforum de 1976. Em seguida li o texto Inside the White Cube: Notes on the Gallery Space, de Brian O'Doherty, diversas vezes até ser resgatado por uma pequena embarcação horas depois.

daniel de paula

aos monumentos entrópicos periféricos
towards entropic monuments of the periphery

leitura ação, registro fotográfico,
texto datilografado e revista
*reading action, image,
type-written text and magazine*

29,7cm x 21cm [cada moldura *each frame*] e *and*
26.5 cm x 26.5 cm [revista *magazine*]

2014

à aclimação/limitação
towards acclimatization / limitation

leitura ação, registro fotográfico,
texto datilografado e revista
*reading action, image,
type-written text and magazine*

29,7 cm x 21 cm [cada moldura *each frame*] e *and*
27 cm x 27 cm [revista *magazine*]

2014



During a trip to the interior of the South-American continent, in the context of the Bolivian Amazon Forest, I displaced myself towards a small sand isle in the middle of the Mamoré River with a Artforum magazine of 1976 in hands. Following, I read the text Inside the White Cube: Notes on the Gallery Space, by Brian O'Doherty, several times until I was rescued by a small hours later.

Em uma noite fria fiz uma fogueira do lado de fora da minha casa. Sentei-me próximo ao fogo e comecei a ler o livro Cartas 1964-74, de Lygia Clark e Hélio Oiticica. Apenas parei de alimentar o fogo após ler o livro na íntegra.

In a cold night I roamed aimlessly by foot through the city in search of a street fire. Once I found a street fire I sat beside it and read Letters 1964-74 by Lygia Clark and Hélio Oiticica in its entirety.

ao diálogo, através do fogo
towards dialogue, through flames

leitura ação, registro fotográfico,
texto datilografado e livro
reading action, image,
type-written text and book

29,7 cm x 21 cm [cada moldura *each frame*] e and
16,5 cm x 12 cm [revista *magazine*]





adrianna eu

Mil Corações *A Thousand Hearts*

2008

Instalação *Installation*

Dimensões variadas *Variable dimensions*









alexandre brandão

Contraluz *Backlighting*

2012

Refletor sobre tripé e lápis negro sobre parede
Headlight in tripod and black pencil on wall

Dimensões variadas *Variable dimensions*

adrianna eu

RIO DE JANEIRO, RJ, 1972
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Sua formação inclui aulas com Malu Fatorelli na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ, 2003-2006), e curso de Filosofia, com Auterives Maciel, no Museu da República (RJ, 2003-2007). Em 2010 frequentou o Grupo Alice de Estudos e Projetos, coordenado por Brígida Baltar e Pedro Varela. Adotou o nome artístico “Adrianna eu”, como um nome-trabalho, pretendendo provocar no outro um sentimento de reflexão. Realizou as exposições individuais *O mais profundo pensamento é um coração batendo* na Casa Porto (RJ, 2014) e *Trabalhos Recentes – Comemorativa de 20 anos do Paço Imperial* no Paço Imperial (RJ, 2005). Entre as coletivas estão *Aquilo que nos une* na Caixa Cultural (SP, 2017 e RJ, 2016), *Contextos Contemporâneos* no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (RJ, 2015) e Salão Novíssimos do IBEU (RJ, 2011). Em 2008 participa de residência em Amman (Jordânia), onde construiu uma instalação permanente para o acervo da Galeria Real. Em 2006 ganhou o Primeiro Prêmio do Salão Arte Pará.

alexandre brandão

BELO HORIZONTE, BH, 1979
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Formado em comunicação social pela Universidade Federal de Minas Gerais e artes visuais pela Escola Guignard/UEMG. Entre as exposições individuais que realizou estão *Experimentos com o acaso* na MdM Gallery em Paris (França, 2016), *Efeito sem Causa* no Centro Cultural Oswald de Andrade (SP, 2013), e *Quase Sombra* no Espaço Pivô (SP, 2012). Entre as coletivas estão 66º Salão Paranaense, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba (PR, 2017), *O que tem por trás do tempo* na Casa Nova Arte (SP, 2016), 18º e 17º “Festival Internacional de Arte Contemporânea SESC Videobrasil (2013 e 2011) e a Bienal de Filmes de Arte de Colônia (Alemanha, 2005). Em 2010 foi premiado na 5ª Bienal Interamericana de Videoarte, em Washington DC (EUA) e em 2014 ganhou o prêmio Bolsa de Residência Artística ICCo / SP-Arte na instituição Residency Unlimited, em Nova York. Dentre as residências realizadas estão o Programa de Residências Internacionais 2017 — JA.CA Centro de arte e Tecnologia em Nova Lima (MG, 2017) e o Programa Bolsa Pampulha - 6ª Edição, no Museu de Arte da Pampulha em Belo Horizonte (MG, 2016).

ana luiza dias batista

SÃO PAULO, SP, 1978
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

É graduada, mestre e doutora em artes visuais pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Entre suas exposições individuais estão *Faça Aqui* no Ateliê 397 (SP, 2015), *Économie Domestique – Ana Luiza Dias Batista et João Loureiro* na La Maudite em Paris (França, 2013), *Programa* na Estação Pinacoteca (SP, 2009) e *Ana Luiza Dias Batista - Bolsa Pampulha* no Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte, 2007). Entre as coletivas estão *Avenida Paulista* no Museu de Arte de São Paulo (SP, 2017), *Tout doit disparaître* em La Maudite em Paris (França, 2015), *Imagine Brazil – Artist's Books* no Astrup Fearnley Museet em Oslo (2013), no Musée d'Art Moderne de Lyon (2014), no Museu de Arte Moderna do Catar (2014) e no DHC/Art Foundation for Contemporary Art em Montreal (2015), *Huna, Hunak / Here, There* no Museu Al Riwaq em Doha (Catar, 2015), *Alimentário* na Oca (SP, 2015) e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2014), *Temporary Contemporary* no Bass Museum em Miami (EUA, 2015) e *Conversation Pieces* no NBK em Berlim (Alemanha, 2013). Em 2005 participou do Programa Bolsa Pampulha, em Belo Horizonte (MG).

andre terayama

SÃO PAULO, SP, 1989
VIVE E TRABALHA EM MUNIQUE, ALEMANHA

Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp (SP). Entre as individuais realizadas estão *Stealth: Doppelgänger* no Paço das Artes em São Paulo (SP, 2015), *Proposições* na Galeria Portas Vilaseca no Rio de Janeiro (RJ, 2015) e *Andre Terayama* no Museu de Arte de Ribeirão Preto (SP, 2013). Entre as coletivas estão Jahresaustellung 2017 na Academia de Belas Artes de Munique (Alemanha, 2017), *Vértice – Coleção Sérgio Carvalho* no Centro Cultural dos Correios de São Paulo (SP, 2016) e do Rio de Janeiro (RJ, 2015) e no Museu Nacional dos Correios em Brasília (DF, 2015), *Preto & Branco – Acervos MAB e MUN de Fotografia Contemporânea* no Museu Nacional da República no Distrito Federal (DF, 2016), *Aparição* na Caixa Cultural Rio de Janeiro (RJ, 2015). Em 2012 participou do 3º Prêmio Edp nas Artes no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo, do 37º Salão de Arte de Ribeirão Preto (SP), e do Situações Brasília no Museu de Arte da República do Distrito Federal, obtendo prêmios nas três exposições.

cadu

SÃO PAULO, SP, 1977
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Doutor pela Escola de Belas Artes da UFRJ, atua também como professor da PUC-Rio. Entre suas exposições individuais estão *Hornitos* na Galeria Vermelho em São Paulo (2015), *It's Gonna Rain* na Galeria BWA SOKÓŁ em Nowy Sącz (Polônia, 2015 - Prêmio Radio Krakow), *Mecânicas essenciais* na Wu Galeria em Lima (Peru, 2012), e *Entardecer no Ano do Coelho* na Casa de Cultura Laura Alvin no Rio de Janeiro (2011). Entre as coletivas estão *Singularidades/Anotações: Rumos Artes Visuais* no Paço Imperial no Rio de Janeiro (2015), 13a Bienal de Istambul (2013), 30a Bienal de São Paulo (2012) e 32º Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2011). Participou dos projetos de residência Plataforma Atacama (Chile, 2014), InSite (México, 2014) e 4a Bienal do Fim do Mundo (Argentina, 2014). Em 2013 foi vencedor do Prêmio Pipa, contemplado com residência artística na Residency Unlimited, em Nova York (EUA), 35 Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2017).

carlos fajardo

SÃO PAULO, SP, 1941
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

É professor doutor do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Arte da USP desde 1996. Foi um dos criadores do Grupo Rex (1966), co-editor, com Wesley Duke Lee, do jornal Rex Time, e da Escola Brasil: (1970). Entre suas individuais mais recentes estão *Espelho no espelho* no Instituto Ling em Porto Alegre (RS, 2017), *No aberto* na Galeria Raquel Arnaud em São Paulo (2014) e *No Meio do Vão* no SESC Belenzinho em São Paulo (2012). Entre as exposições coletivas estão, *Transparência* e *Reflexo* no Museu Brasileiro da Escultura em São Paulo (2016), além da 1ª Jovem Arte Contemporânea no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (1967) e da 1a e 4a edições da Bienal de Artes Visuais do Mercosul (1997 e 2003). Representou o Brasil em seis edições da Bienal de São Paulo (1967, 1981, 1987, 1998, 2002 e 2010) e em duas edições da Bienal de Veneza (1978 e 1993).

cinthia marcelle

BELO HORIZONTE, BH, 1974
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Graduada em Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais. Entre suas exposições individuais estão *Project 105: Cinthia Marcelle* na Duplex Gallery I MoMA PS1, em Nova Iorque (EUA, 2016), *Trilogia* no Galpão Videobrasil em São Paulo (2016) e *em-entre-para-perante* na Silvia Cintra + Box4 no Rio de Janeiro (2015). Entre as coletivas estão *Avenida Paulista* no Museu de Arte de São Paulo (2017), Bial de Sharjah (Emirados Árabes, 2013 e 2015), Bial de Mercosul em Porto Alegre (RS, 2013 e 2014), Triennial of New Museum em Nova York (EUA, 2012), 29a Bial de São Paulo (2010), Bial de Lyon (França, 2007) e Bial de Havana (Cuba, 2006). Foi vencedora de prêmios como The Future Generation Art Prize (Kiev, 2010), Annual TrAIN Artist in Residency award at Gasworks (Londres, 2009) e International Prize for Performance (Itália, 2006). Em 2017 ocupa o Pavilhão Brasileiro na 57a Bial de Veneza com o projeto *Chão de Caça*, que recebeu Menção Honrosa do Júri.

daniel de paula

BOSTON, EUA. 1987
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Formou-se em Bacharelado em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, SP) em 2012. Entre suas exposições individuais estão *A forma condutora de fluxos dominantes* na Galeria Jaqueline Martins em São Paulo (2017), *Gravidade na Cratera de Colônia* em São Paulo (Edital PROAC, 2016), *Objetos de mobilidade, ações de permanência* na White Cube Gallery em São Paulo (2014) e *Para estender um corredor* na Galeria Cité Internationale des Arts em Paris (França, 2013). Entre as mostras coletivas estão *Avenida Paulista* no Museu de Arte de São Paulo (2017), *Arte e Cência — nós entre os extremos* no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo (2016), *Aparição* na Caixa Cultural do Rio de Janeiro (2015) e *Permanências e Destruições* no Oi Futuro no Rio de Janeiro (2015). Foi residente na Cité Internationale des Arts em Paris (França, 2013) e na Casa Tomada em São Paulo (2012), premiado no Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo — CCSP (2011) e residência FLACC em Genk (Bélgica, 2016).

daniela seixas

RIO DE JANEIRO, RJ, 1984
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Mestre em Processos artísticos contemporâneos e licenciada em Artes Visuais pela UERJ. Entre suas exposições individuais estão *Drawing error* na Zip'up em São Paulo (2014), *Como habitar palavras ou outros objetos* no SESC Paraty (RJ, 2013), *Tarefas refeitas* na Galeria Ibeu no Rio de Janeiro (2012) e *A riscar* no Paço das Artes em São Paulo (2011). Entre as exposições coletivas estão *10ª Bial do Mercosul: Mensagens de uma Nova América*, na Usina, em Porto Alegre (RS, 2015), *Deslize* no Museu de Arte do Rio no Rio de Janeiro (2014), *Through the surface of the page* — DRCLAS na Universidade de Harvard em Massachusetts (EUA, 2012), *City as a Process* na Gallery of Center for Contemporary Culture em Ekaterinburg (Rússia, 2012), Novíssimos 2011 (artista premiada) na Galeria Ibeu no Rio de Janeiro (2011), Prêmio EDP nas Artes no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo (2010) e *entre-vistas* como parte do Programa Aprofundamento da Escola de Artes Visuais do Parque Lage no Rio de Janeiro (2010).

frederico filippi

SÃO CARLOS, SP, 1983
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Participou do Programa Independente do Museu de Arte de São Paulo (2016) e do Programa de Formação do Centro de Investigações Artísticas na Fundación Start em Buenos Aires (Argentina, 2013). Entre suas exposições individuais estão *Próprio-impróprio* na Galeria Leme em São Paulo (2016), *O Sol, o Jacaré Albino e Outras Mutações* na Galeria Athena Contemporânea no Rio de Janeiro (2016) e *Fogo na Babilônia* no Pivô em São Paulo (2015). Entre as coletivas estão Bial de Foto e Vídeo de Brandt (Dinamarca, 2016), *Até Aqui Tudo Bem* na White Cube em São Paulo (2015), *Si no todas las armas, los cañones no Matadero em Madrid* (2014), 5a Bolsa Pampulha no Museu de Arte da Pampulha em Belo Horizonte (MG, 2014), e *A parte que não te pertence* na Galeria Maisterra Valbuena em Madrid (Espanha, ANO). Entre bolsas e residências que recebeu estão La Ene e Centro de Investigaciones Artísticas, ambos em Buenos Aires (Argentina, 2013), Casa Tomada em São Paulo (2012) e Red Bull House of Art em São Paulo (2011). Recebeu Prêmio IBEU (RJ) no Edital Novíssimos em 2013.

ivens machado

FLORIANÓPOLIS, SC, 1942 - RIO DE JANEIRO, RJ, 2015

Estudou gravura na Escola de Arte do Brasil no Rio de Janeiro na década de 1960. Ao longo de cinco décadas de trabalho, fez esculturas, desenhos, gravuras, vídeos, performances e fotografias, reunindo uma produção marcada pelo uso de materiais de construção civil como ferro, concreto e madeira. Em 1973 foi premiado no 5º Salão de Verão do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro com a instalação *Cerimônia em Três Tempos*, no ano seguinte fez sua primeira exposição individual na Central de Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro. A partir de então solidifica sua carreira participando de diversas exposições nacionais e internacionais, dentre elas cinco edições da Bial de São Paulo (1974, 1981, 1987, 1994 e 2004) e de duas edições da Bial do Mercosul (1997 e 2003). Em 1985 representou o Brasil na XIII Bial de Paris no Grande Halle de La Villette em Paris (França). Entre as exposições póstumas de sua obra estão *Ivens Machado* no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2016) e *O Cru do Mundo* no Espaço Pivô em São Paulo (2016). Suas esculturas ocupam o espaço público no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

jorge soledar

PORTO ALEGRE, RS, 1979
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Doutorando em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFRJ. Como professor, é vinculado ao curso de graduação em Artes Visuais da UFRJ, e ainda, professor de desenho experimental no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula. Entre as exposições individuais estão *Macabéa* na Portas Vilaseca Galeria no Rio de Janeiro (2016), *Projeto Cofre* na Casa França-Brasil no Rio de Janeiro (2014), *Sala de Estar* na Galeria Ecarta em Porto Alegre (RS, 2014) e *That's how I became insensitive* na Galeria IBEU no Rio de Janeiro (2013). Entre as coletivas das quais participou estão *É como dançar sobre a arquitetura* no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo (2017), *My body is a cage* na Luciana Caravello Galeria no Rio de Janeiro (2016), *Aparição* na Caixa Cultural do Rio de Janeiro (2015), *XI Mostra de Performance VERBO* na Galeria Vermelho, em São Paulo e a I Bial do Barro do Brasil em Caruaru (PE, 2014). Em 2010 recebeu prêmio concedido pelo canal franco-alemão ARTE/Creative.

marcio diegues

GENERAL SALGADO, SP, 1988
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Formado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina em 2012, é mestrando em Linguagens Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ, desde 2015. Atuando também como professor, pesquisa o desenho como fio condutor de suas relações com a paisagem e o espaço, desdobrando-o em gravuras, livros de artista, instalações, ações de coleta e obras site specific. Realizou as exposições individuais Projetos Escalares SESC em Presidente Prudente (SP, 2016) e *O Tempo da Paisagem (e as Paisagens do Tempo)* no SESC em Londrina (PR, 2013). Entre as coletivas estão *Sem Título (Do Impossível ao Porvir)* na Galeria Periscópio em Belo Horizonte (MG, 2017), *Passageira-16* no Museu de Arte de Londrina (PR, 2016), e *Ervanaria Móvel: expedição I* no Centro Cultural Banco do Brasil e Museu Mineiro em Belo Horizonte (MG, 2015). Foi selecionado Bolsista do Programa de Residência Artística Bolsa Pampulha 2013-2014, e um dos artistas de destaque da Bolsa Iberê Camargo 2014.

marcius galan

INDIANÁPOLIS, EUA, 1972
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Formou-se em Licenciatura em Educação Artística pela da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1997. Em 2003 ganhou uma bolsa residência de 6 meses na Cité des Arts em Paris e no ano seguinte passou 3 meses de residência no Art Institute de Chicago (EUA) através da Bolsa Iberê Camargo. Entre as exposições individuais estão *Line Weight* na Galerija Gregor Podnar em Berlim (Alemanha, 2017), *Planta/Corte* na Galeria Luisa Strina em São Paulo (2015) e *Geometric Progression*, na Galeria White Cube em Londres (2013). Entre as coletivas estão *Avenida Paulista* no Museu de Arte de São Paulo (2017), *Inside*, Palais de Tokyo, Paris, França (2014), *Planos de fuga – Uma exposição em obras*, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo (2012), 29a Bienal de São Paulo, Há sempre um copo de mar para um homem navegar, São Paulo (2010). Foi finalista do Premio PIPA 2010, foi vencedor na edição de 2012 e como prêmio participou do Programa de Residências Internacional da Gasworks, em Londres.

marilia rubio

SÃO PAULO, SP, 1985
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Começou a trabalhar com arte contemporânea em 2004, como assistente dos artistas Lenora de Barros e Edouard Fraipont. Em 2009, concebeu projeções no Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo e na Casa das Rosas (SP) com Cid e Haroldo de Campos. Realiza, desde 2010, em parceria com a artista Caterina Renaux, o projeto *Night Coffee*, um happening trienal, que acontece na cidade de São Paulo. Entre 2013 e 2015 fez o acompanhamento das residências artísticas do espaço independente Phosphorus, na Sé (SP). Em 2014, foi correspondente do March Meeting 14, da Bienal de Sharjah nos Emirados Árabes, quando produziu o díptico de vídeos *Correspondence*. Em 2017 concluiu a pós-graduação de História da Arte, na PUC-SP e iniciou uma série de pesquisas sobre as relações entre arte e o ambiente industrial.

marina weffort

SÃO PAULO, SP, 1978
VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Gradua-se em desenho e escultura pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP em 2000. Em 2009 é selecionada para o Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo, sua primeira individual, onde ganhou o prêmio aquisição. Entre suas individuais também estão *Tecido* na Galeria Cavalo no Rio de Janeiro (2017), *Tecido e Lugar das coisas*, ambas na Galeria Marília Razuk, em São Paulo (2016 e 2014). Entre as exposições coletivas estão *Em Espera* no Museu La Greca em Recife (PE, 2016), *Trajetórias em Processo* na Galeria Anita Schwartz no Rio de Janeiro (2015), *Instável* no Paço das Artes em São Paulo (2012), *Nova Escultura Brasileira* na Caixa Cultural do Rio de Janeiro (2011), *Quase Figura* na Galeria Marília Razuk em São Paulo (2011), e o Programa de Exposições no Museu de Arte de Ribeirão Preto (SP, 2009). Em 2014 foi indicada para o prêmio PIPA.

mayana redin

CAMPINAS, SP, 1984
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Formou-se em Artes Visuais em Porto Alegre pela UFRGS e é doutoranda na Escola de Belas Artes da UFRJ. Entre suas exposições individuais estão *Arquivo escuro* na Silvia Cintra+Box 4 no Rio de Janeiro (2016), *Cosmografias para São Paulo* no Arquivo Histórico de São Paulo (2015), *A borda o risco o mundo: experimento # 2* no Palácio das Artes em Belo Horizonte (2014). Algumas coletivas foram: *Arroz sem Sal* na Silvia Cintra+Box 4 no Rio de Janeiro (2014), *Imagine Brazil* na Astrup Fearnley Museet em Oslo (2013), no Musée d'Art Moderne de Lyon (2014), no Museu de Arte Moderna do Catar (2014), no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo (2015) e no DHC/Art Foundation for Contemporary Art em Montreal (2015), *City as a Process* na Gallery of Center for Contemporary Culture em Ekaterinburg, Russia (2012) e 8ª Bienal do Mercosul em Porto Alegre (RS, 2011). Participou da Residência en la tierra, em Montenegro, (Colômbia, 2011). Em 2015 obteve o prêmio ICCo/SP-Arte para a Residência FLORA Ars+Natura, na Colômbia. Em 2017 participou do Programa de Residências Internacionais 2017 — JA.CA Centro de arte e Tecnologia em Nova Lima (MG).

milton machado

RIO DE JANEIRO, RJ 1947
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Doutor em artes visuais pela Goldsmiths College na Universidade de Londres (2000), atualmente é professor associado da Escola de Belas Artes da UFRJ. Participa de mostras coletivas e individuais desde 1969. Entre suas individuais mais recentes estão *Cabeça* no Centro Cultural Banco do Brasil em Belo Horizonte (2015) e no Rio de Janeiro (2014), *Mão Pesada* na Galeria Nara Roesler em São Paulo (2013). Entre as coletivas estão *Made in Brasil* na Casa Daros no Rio de Janeiro (2015), *Imagine Brazil* na Astrup Fearnley Museet em Oslo (2013), no Musée d'Art Moderne de Lyon (2014), no Museu de Arte Moderna do Catar (2014), no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo (2015) e no DHC/Art Foundation for Contemporary Art em Montreal (2015). Participou também da 10ª, 19ª e 29ª edições da Bienal de São Paulo e da 7ª e 10ª edições da Bienal do Mercosul, *A pureza é um mito* na Galeria Nara Roesler, São Paulo e *GNR Presents*, Galeria Nara Roesler, Nova York, (2017).

paulo bruscky

RECIFE, PE, 1949

VIVE E TRABALHA NO RECIFE

Tem uma trajetória artística de quatro décadas marcada pela experimentação de novos suportes como fotocopiadoras e máquinas heliográficas, selos, carimbos postais e equipamentos médicos como eletroencefalograma. Organiza duas exposições internacionais de arte postal no Recife nos anos de 1975 e 1976, sendo esta última fechada pelos militares brasileiros. Realiza 30 filmes de artistas e videoarte entre 1979 e 1982, e começa a produzir videoinstalações em 1983. Cria, em 1980, o xerox-filme com base em sequências xerográficas. Entre suas participações em coletivas estão *30x Bienal* na Fundação Bienal de São Paulo (2013), *Reinventando o mundo* no Museu Vale em Vila Velha (ES, 2013), *Mitologias por procuração* no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2013), *In cloud country* no Harewood House em Leeds (Inglaterra, 2013), e *Perder la forma humana* no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia em Madri (Espanha, 2012). Participou também de quatro edições da Bienal de São Paulo (1981, 1989, 2004 e 2010) e da 10ª Bienal de Havana (Cuba, 2009), entre outras bienais. Em 2017 representou o Brasil na Bienal de Veneza.

ricardo basbaum

SÃO PAULO, SP, 1961

VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Inicia seu trabalho na década de 1980. Entre suas individuais recentes estão *corte-contaminação-contato* na Galeria Jaqueline Martins em São Paulo (2017), *The production of the artist as collective conversation* na Audain Gallery em Vancouver (Canadá, 2014), *nbp-etc: escolher linhas de repetição* na Galeria Laura Alvim no Rio de Janeiro (2014), e *Diagrams* no Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela (2013). Participou da documenta 12 (2007), da 20ª Bienal de Sydney (2016), da 30ª e 25ª Bienal de São Paulo (2012 e 2002) e de The School of Kiev (2015), entre outras mostras coletivas. Co-editor da revista *item* (1995-2003) e co-diretor da agência Agora (RJ, 1999-2003). Autor de *Diagrams*, 1994-ongoing (Errant Bodies, 2016), *Manual do artista-etc* (Azougue, 2013) e *Ouvido de corpo*, ouvido de grupo (Universidade Nacional de Córdoba, 2010). Trabalhou como Professor do Instituto de Artes da UERJ (1998-2016), Professor Visitante da Universidade de Chicago (2013) e foi Artista Residente da Audain Gallery (Vancouver) em 2014. Atualmente é Professor do Departamento de Artes da Universidade Federal Fluminense.

wmt

SÃO PAULO, SP, 1964

VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO

Formado em Comunicação Social pela Fundação Armando Álvares Penteado — FAAP (SP). Entre as exposições individuais estão *Diário do Capitão* nas Galeria Cavalo no Rio de Janeiro e Marília Razuk em São Paulo (2016), *Círios* no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2015), *Bermudas* na Rainhart Gallery em Bruxelas (2013) e *De Longe* na Galeria Ecarta em Porto Alegre (RS, 2013). Entre as coletivas das quais participou estão *Geometria Afetiva* no SESC Bom Retiro em São Paulo (2016) e *O Espírito de Cada Época* no Instituto Figueiredo Ferraz em Ribeirão Preto (SP, 2015). Realizou intervenções públicas como *Perfume de Princesa* no Beco do Pinto em São Paulo (2013), *Contato* no Castelinho do Flamengo no Rio de Janeiro (2008) e *Contact* e *First Love* em Chicago (EUA, 2006). Finalista do Prêmio Pipa de 2014 e ganhador de editais como Prêmio Marcantonio Villaça de aquisição de obras, Conexões Visuais Petrobras/Funarte (2012), foi também artista residente no The Art Institute of Chicago pela Bolsa Iberê Camargo (2006), 32 Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2011).

fernanda lopes

RIO DE JANEIRO, RJ, 1979

VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO

Curadora assistente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ) e do Departamento de Arquitetura da PUC-Rio. É organizadora, ao lado de Aristóteles A. Predebon, do livro *Francisco Bittencourt: Arte-Dinamite* (Tamanduá-Arte, 2016), e autora dos livros *Área Experimental: Lugar, Espaço e Dimensão do Experimental na Arte Brasileira dos Anos 1970* (Bolsa de Estímulo à Produção Crítica, Minc/Funarte, 2012) e *“Éramos o time do Rei” – A Experiência Rex* (tese de Mestrado | Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça, Funarte, 2006). Entre as curadorias que vem realizando desde 2008 está a Sala Especial do Grupo Rex na 29ª Bienal de São Paulo (2010). Em 2017 recebeu, ao lado de Fernando Cocchiarale, o Prêmio Maria Eugênia Franco da Associação Brasileira dos Críticos de Arte 2016 pela curadoria de exposição *Em Polvorosa – Um panorama das coleções MAM-Rio*.

paulo bruscky

RECIFE, PE, 1949

LIVES AND WORKS IN RECIFE

His forty-decade artistic path is underlined by probing new supports, such as photocopiers and heliographic copiers, mailing seals, stamps and medical devices, such as electroencephalogram. Organizes two international exhibits of Mail Art in Recife, in the years 1975 and 1976, being the last one closed by the Brazilian Military. Performs 30 artists and video art films between 1979 and 1982, and starts producing video installations in 1983. Creates, in 1980, a "xerox-movie" based on xerographic sequences. His collective exhibits include *30x Bienal*, at the Bienial of São Paulo Foundation (2013), *Reinventing the World*, at the Vale Museum, in Vila Velha (ES, 2013), *Mythologies by Proxy*, at the São Paulo Museum of Modern Art (2013), *In Cloud Country*, at Harewood House, in Leeds (England, 2013), and *Perder la forma humana*, at Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, in Madrid (Spain, 2012). He also participated in four editions of the Biennial of São Paulo (1981, 1989, 2004 and 2010) and the 10th Havana Biennial (Cuba, 2009), among other. In 2017, he was the Brazil's representative at the Venice Biennial.

ricardo basbaum

SÃO PAULO, SP, 1961

WORKS AND LIVES IN RIO DE JANEIRO

Starts his work in the 1980s. His solo shows include *Cut-Contamination-Contact*, at Jaqueline Martins Gallery, in São Paulo (2017), *The Production of the Artist as Collective Conversation*, at the Audain Gallery, in Vancouver (Canada, 2014), *Nbp-Etc.: Finding Recurrent Lines*, at Laura Alvim Gallery, in Rio de Janeiro (2014), and *Diagrams*, at Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela (2013). Participated in Documenta 12 (2007), the 20th Biennial of Sydney (2016), the 30th and 25th Biennial of São Paulo (2012 and 2002) and The School of Kiev (2015), among other collective exhibits. Co-editor of Revista Item (1995-2003) and co-director of Agora Agency (RJ, 1999-2003). Author of *Diagrams*, 1994-ongoing (Errant Bodies, 2016), *Manual do artista-etc.* (Azougue, 2013) and *Ouvido de corpo, ouvido de grupo* (National University of Cordoba, 2010). Worked as Lecturer of the Arts Institute of UERJ (1998-2016), Visiting Lecturer at the University of Chicago (2013) and participated in the Artist-in-Residence Program of Audain Gallery (Vancouver), in 2014. Currently, he is a Lecturer of the Department of Arts of Universidade Federal Fluminense.

wmt

SÃO PAULO, SP, 1964

WORKS AND LIVES IN SÃO PAULO

BA in Social Communication from Armando Álvares Penteado Foundation (FAAP, SP). His solo exhibits include *Captain's Diary*, at Cavalo Gallery, in Rio de Janeiro and Marília Razuk Gallery, in São Paulo (2016), *Candles*, at the São Paulo Museum of Modern Art (2015), *Bermudas*, at Rainhart Gallery, in Brussels (2013) and *From a Distance*, at the Ecarta Gallery, in Porto Alegre (RS, 2013). His collective exhibits feature *Affective Geometry*, at SESC Bom Retiro, in São Paulo (2016) and *The Zeitgeist*, at the Figueiredo Ferraz Institute, in Ribeirão Preto (SP, 2015). Performed outdoors interventions, such as *Princess' Perfume*, at Beco do Pinto, in São Paulo (2013), *Contact*, at Castelinho do Flamengo, in Rio de Janeiro (2008) and *Contact* and *First Love*, in Chicago (USA, 2006). Finalist of 2014 Pipa Prize, and winner of calls for tenders, such as Marcantonio Villaça Award for acquisition of works, *Conexões Visuais Petrobras/Funarte* (2012), and participated in the Artist-in-Residence Program of The Art Institute of Chicago, sponsored by the Iberê Camargo Scholarship (2006), 32th Panorama of Brazilian Art in the São Paulo Museum of Modern Art (2011).

fernanda lopes

RIO DE JANEIRO, RJ, 1979

WORKS AND LIVES IN RIO DE JANEIRO

Assistant Curator of the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro and Lecturer at the School of Visual Arts of Parque Lage (RJ) and the Department of Architecture of PUC-Rio. Organizes, in concert with Aristóteles A. Predebon, the book *Francisco Bitencourt: Arte-Dinamite* (Tamanduá-Arte, 2016), and penned the books *Área Experimental: Lugar, Espaço e Dimensão do Experimental na Arte Brasileira dos Anos 1970* (Scholarship for the Furtherance of Critical Production, Minc/Funarte, 2012) and *"Éramos o time do Rei" – A Experiência Rex* (Master's Thesis I Marcantonio Vilaça Visual Arts Award, Funarte, 2006). Lopes has been working as a curator since 2008, which includes the Special Room of Grupo Rex at the 29th Biennial of São Paulo (2010). In 2017, he received, along with Fernando Cocchiarale, the Maria Eugênia Franco Award of the 2016 Brazilian Association of Art Critics for curating the exhibit *Em Polvorosa - Um Panorama das Coleções MAM-Rio*.

EXPOSIÇÃO • EXHIBIT

curadoria • curatorship

Fernanda Lopes

realização • produced by

Tamanduá

R&L Produtores Associados

direção de produção • production director

Rodrigo Andrade

produção executiva • executive production

Stefania Paiva

gestão de projeto • project manager

Lucas Lins

fotografia • photography

Rafael Pereira

design gráfico • graphic design

Alexsandro Souza - Dinamo Design

revisão e tradução de texto • proofreading and translator

Márcio Pinheiro

impressão • printing office

Stilgraf

assessoria de imprensa • press relations

Décio Hernandez Di Giorgi -

Adelante Comunicação Cultural

museologia • museology

Ana Maria Carvalho

cenotécnica • scenography

Glauber Saturnino

montagem fina • assembly of artworks

Thiago Barboteo

iluminação • lighting

Julio Katona - Artimanha Produções

transporte • logistics

Atlântis

seguro • insurance

Affinité

agradecimentos • acknowledgements

Andrea Carolina Holzer de Zagottis

Galeria Athena Contemporânea

Galeria Cavalo

Galeria Leme

Galeria Luisa Strina

Galeria Nara Roesler

Galeria Jaqueline Martins

Galeria Vermelho

Hellen Lugon

Monica Grandchamp

OBS: Contemporânea

Portas Vilaseca Galeria

Vittoria Meneghel

e a todos os artistas, parceiros nessa exposição

CAIXA CULTURAL RIO DE JANEIRO

Av. Almirante Barroso, 25 - Centro

galeria 2

terça a domingo

das 10h às 21h

entrada franca



CLASSIFICAÇÃO LIVRE

#VivaMaisCultura

www.caixacultural.gov.br

facebook.com/caixaculturalriodejaneiro

baixe o aplicativo CAIXA Cultural

REALIZAÇÃO • PRODUCED BY:

PATROCÍNIO • SPONSORED BY:



VERSÃO IMPRESSA

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-67067-18-6



9 788567 067186

VERSÃO WEB

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-67067-20-9



9 788567 067209

REALIZAÇÃO • PRODUCED BY:



R&L
PRODUTORES ASSOCIADOS

PATROCÍNIO • SPONSORED BY:

CAIXA

